

Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

A Educação Popular na Economia Solidária e Suas Práticas Pedagógicas

Laura de Castello Branco da Rocha Camargo

Prof(a).Dr(a). Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza

Rio Claro (SP)

2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

LAURA DE CASTELLO BRANCO DA ROCHA CAMARGO

A EDUCAÇÃO POPULAR NA ECONOMIA SOLIDÁRIA E
SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro - SP
2017

370.193 Camargo, Laura de Castello Branco da Rocha
C172e A educação popular na economia solidária e suas práticas
pedagógicas / Laura de Castello Branco da Rocha Camargo. -
Rio Claro, 2017
52 f. : il., figs., gráfs.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e
Ciências Exatas

Orientador: Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza

1. Sociologia educacional. 2. Economia solidária. 3.
Educação popular. 4. Emancipação social. 5. Educação de
jovens e adultos. I. Título.

LAURA DE CASTELLO BRANCO DA ROCHA CAMARGO

A EDUCAÇÃO POPULAR NA ECONOMIA SOLIDÁRIA E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza (orientadora)

Prof. Dr. Diego Correa Maia

Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho

Rio Claro, 07 de Dezembro de 2017.

Assinatura da aluna

Assinatura da orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus pais, Cristiana e Rogério, e ao meu irmão, Antônio Pedro, e toda minha família por todo o apoio e carinho ao longo dessa jornada. Por todas as brigas, desentendimentos, ligações e conversas e conselhos que ajudaram a me tornarem a pessoa que sou hoje.

Agradeço também a minha orientadora Sílvia Aparecida Guarnieri Ortigoza por me ajudar e orientar durante todo esse trabalho.

Agradeço ao Alexandre Lombardo Montanha por toda paciência, carinho e companheirismo que teve comigo em todos os anos que estive ao meu lado, especialmente nessa etapa final. Por todas as vezes que você me alimentou, me mostrou vídeo e fotos de Corgis, me ensinar a cozinhar e aguentar todas as minhas frescuras.

Agradeço aos meus amigos Bruno, Marcos Vinícius (Vapo), Tiago (Zahaar), Tulio e a todos os moradores do Vista do Campus por serem as primeiras pessoas a me receber e a tornar Rio Claro um pedaço da minha casa e também por sempre me levarem no Marcos, por todos os abraços e a terem conversas que mal entendia, mas mesmo assim me fazendo rir.

A Bianca, Guilherme, Messias, Pablo, Ramon, Rodrigo e Vinicius por me aguentarem por esses cinco anos em todas as reclamações, reflexões, tapas na cara, favoritismos e trabalhos mas também por me confortarem, em abraçarem e por me fazer rir, chorar, abraçar, por me darem chocolate, por todos os jogos de uno, idas ao Codorna, jogos do Velo e assistir chaves, Senhora do Destino e o filme do Pelé. Todos esses essenciais para minha formação como Professora, Geógrafa e ser humano, guardando no meu coração um pedacinho muito especial.

Por fim agradeço a todos os professores do Departamento de Geografia, do Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento e do Departamento de Educação. Mas também agradeço a todos os meus professores da época da escola, que me fizeram todos os dias enxergar a importância dessa profissão, que hoje escolhi seguir.

A vocês todos: obrigada por me darem um novo lugar para chamar de lar.

Resumo

No cenário atual a busca por novas alternativas econômicas para contornar o sistema capitalista cresce. A Economia Solidária vem como uma forma mais justa e igualitária de praticar economia, apresentando dentro de seu sistema debates coletivos e democráticos, assim como uma divisão justa da renda obtida. Dessa forma o seguinte trabalho estuda como o importante pilar dessa economia (autogestão, democracia, solidariedade e coletividade) pode ser aplicado em uma Educação Popular com o objetivo de formar cidadãos emancipados socialmente. Através de questionários aplicados com professores e funcionários em uma escola da rede municipal de Rio Claro – SP, que participaram anteriormente de um curso de extensão sobre Economia Solidária, iremos analisar a importância que eles passaram a dar a esses quatro elementos em suas mediações pedagógicas. Assim como qual a magnitude que tem ao tratar sobre o processo de evolução de um olhar crítico do aluno em relação a sua realidade para que este possa refletir sobre as causas do condicionamento de suas vidas. Com a intenção de que esses possam se libertar do que lhes é imposto, provando que a educação permite o sujeito histórico ganhar conhecimento e transformar sua realidade sócioespacial. Saindo de sua condição de alienação pelo capital.

Palavras-chave: *Economia Solidaria. Educação Popular. Emancipação Social. Educação de Jovens e Adultos.*

Abstract

In the current scenario the search for new economic alternatives to circumvent the capitalist system grows. The Solidarity Economy comes as a fairer and egalitarian way of practicing economics, presenting within its system collective and democratic debates, as well as a fair division of the income obtained. In this way the following work studies how the important pillar of this economy (self-management, democracy, solidarity and collectivity) can be applied in a Popular Education with the objective of forming citizens emancipated socially. Through questionnaires applied with teachers and employees in a school of the municipal network of Rio Claro - SP, who previously participated of an extension course on Solidary Economy, we will analyze the importance they gave to these four elements in their pedagogical mediations. Just like the magnetude you have in dealing with the process of evolution of a critical eye of the student in relation to their reality so that it can reflect on the causes of the conditioning of their lives. With the intention that they can free themselves from what is imposed on them, proving that education allows the historical subject to gain knowledge and transform their socio-spatial reality. Leaving their condition of alienation by capital.

Keywords: *Solidarity Economy. Popular Education. Social Emancipation. Youth and Adult Education.*

Lista de Imagens

Imagem 1 (Preceitos da Economia Solidária).	11
Imagem 2 (Alienação do Trabalho Segundo Marx)	18

Lista de Gráficos

Gráfico 1 (Conhecimento de Alunos/Pais que Trabalham em um Empreendimento Solidário)	23
Gráfico 2 : (Número de Professores que veem alunos com uma visão mais emancipadora)	23
Gráfico 3 (Número de professores que trabalharam com economia solidária em sala de aula).....	24
Gráfico 4 (Atividades Proposta Sobre Economia Solidária)	25
Gráfico 5 (Professores que continuaram a aplicar suas práticas no contexto da economia solidária)	26

Lista de Abreviaturas e Siglas

EP: Educação Popular

EES: Empreendimento Econômico Solidário

ES: Economia Solidária

Sumário

1. Introdução.....	9
2. Metodologia	13
3. Economia Solidária.....	15
5. Educação Popular.....	19
5.1. Emancipação Social	23
6. A Fala dos Professores	27
6.1. A EJA e o Trabalho.....	37
7. Considerações Finais.....	42
8. Referências Bibliográficas	45
Apêndice A.....	48

1. Introdução

A Economia Solidária é um conjunto de atividades econômicas com um cunho de transformação social centrada na autogestão e cooperativismo, chegando com força no Brasil nos anos de 1970. Nesse período a crise generalizada do capitalismo acarretou em mudanças no mercado de trabalho que geraram uma onda de desemprego e leis que levaram a redução salarial, a flexibilização e precarização do trabalho. Como consequência houve uma manifestação por uma economia que foca na reprodução do trabalho social e não do capital, superando a fragmentação e o isolamento causado pelo sistema vigente, estabelecendo relações sociais e econômicas em um espaço de resistência ao capital. Nesse espaço ocorre a organização da mão de obra explorada para resistir a esse processo de produção espacial voltado ao interesse da reprodução do capital, gerando concentração de renda e informação, através de novas práticas transformadoras, como é o caso da Economia Solidária.

O campo da economia foi atingido por movimentos que lutavam pela igualdade social com reivindicações como maior cooperação entre os trabalhadores e a democratização nos ambientes de trabalho, iniciando um debate que traria aspectos de solidariedade ao sistema. O êxito desse modo de produção se deu na formação de vínculos sociais definidos que estabelece uma organização de produção, distribuição e consumo dos produtos, a partir de decisões coletivas debatidas em assembleias democráticas. É importante ressaltar que cada grupo pertencente a esse tipo de economia terá um tipo de produção que, geralmente se dá a partir das características da área situada. Os laços sociais formados fazem com que os grupos possam se juntar para formar feiras, redes de trocas e bancos comunitários, que deixam essa economia mais forte e com o maior envolvimento da população.

A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade [...]. (SINGER, 2002, p. 10,).

É importante notar que essa economia social parte das características do território e do grupo ali inserido. Não é um movimento que vem de fora, ela vai contra o que lhe é imposto, criando uma identidade cultural nesse local. Assim ele deixa de ser um movimento meramente econômico, abrangendo esferas políticas, ambientais, sociais e culturais.

Nesse sentido, os gestores públicos, que atuam na economia solidária, reconhecem a complexidade envolvida em cada território e, ao invés de buscar homogeneizá-los, como ocorre no atual sistema capitalista, procuram diagnosticar os possíveis caminhos para um desenvolvimento endógeno preservando as relações (econômicas, sociais, políticas, culturais) presentes em cada lugar. Assim, reconhecem as diversidades, as desigualdades, os movimentos sociais presentes em cada território e, com base em suas próprias potencialidades, vão sendo construídos o “saber fazer” e as formas de trabalho que possam valorizar a solidariedade e a identidade territorial. (ORTIGOZA, 2014, p.248)

Para que essa economia seja possível é necessário que os indivíduos se libertem do sistema hegemônico. É nesse processo de liberdade e emancipação que se vê a contribuição da educação popular na transformação social, buscando fazer com que o indivíduo construa uma autonomia, abrangendo as dimensões subjetivas, culturais, econômicas e políticas. Com isso, através de mediações pedagógicas devem-se haver incentivos para que este grupo faça uma reflexão sobre o condicionamento da situação em que vivem, utilizando-se do materialismo histórico dialético, para que eles se vejam como sujeitos historicamente situados, sendo eles, produtos de tensões. Assim vemos que o professor deve despertar o pensamento crítico, porém sua compreensão é realizada pelo próprio aluno e com isso apenas ele próprio pode se libertar.

“A educação é popular quando, enfrentando a distribuição desigual de saberes, incorpora um saber como ferramenta de libertação nas mãos do povo. (...), o fato é que se a educação popular pode ser entendida como uma atividade específica (não é toda ação assistencial, de trabalho social ou de política educativa) ela, por outro lado, não requer ser realizada no interior do sistema educativo formal, separada do conjunto de práticas sociais dos indivíduos. Muito ao contrário, a educação popular vem sendo desenvolvida no interior de práticas sociais e políticas e é aí precisamente onde podem residir a sua força e a sua incidência.” (La Educación Popular Hoy em Chile: Elementos para Definirla, ECO, Educación y Solidaridad — sem indicação de autor, p. 9 Apud BRANDÃO, 2006, p.47).

A emancipação vem como um movimento contrário à alienação, onde segundo Mészáros (1981), o homem é desumanizado, tornando-se mercadoria, no qual tudo lhe é imposto, se vendo dissociado de sua atividade produtiva e do produto final, privando-o de sua sociabilidade ficando a par das relações sociais. Dessa forma, analisamos que a emancipação se dá tanto de forma individual como social, sempre passando pelo trabalho, o que possibilita a compreensão das relações que originam a produção social, como debatido por Dardengo (2015).

É nesse ponto que a cooperação, autogestão e democratização dentro da Economia Solidária se mostram importante, já que o indivíduo passa a ter um papel tanto de controle como de produção, concebendo a relevância de seu papel nas relações sociais presentes. Em função disso se faz de suma importância a presença de mediações pedagógicas nos ambientes de trabalho, uma vez que é nesse local que se forma o “ethos”. Sendo esse resultado dos costumes e valores sociais, afetivos e morais que definem a sociabilidade de um grupo, podendo ser aprimorados através de uma educação popular por buscar necessidade em construir saberes para o bem coletivo.

Para debater como a Economia Solidária, através de uma educação popular, pode mudar a visão do trabalho tradicional e alienante que temos, para um trabalho mais humanizado e libertador, será exposta uma pesquisa realizada com professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Professor Sylvio de Araújo, em Rio Claro/SP. Buscou-se ressaltar a participação dos alunos a partir de quinze anos que, na maioria das vezes já estão inseridos no mercado de trabalho. Por conta disso, eles já trazem um saber acumulado em anos de experiência de vida e trabalho, assim é importante trazê-los para dentro da sala, tornando-os formais e sistematizados.

Nesse contexto, consegue-se colocar em prática a discussão de Paulo Freire sobre uma Formação Libertadora, onde o professor deve buscar entender a realidade dos alunos e suas condições de vida e trabalho, a fim de debater e entender o motivo de estarem de volta aos estudos e o que desejam conseguir com essa educação. Além disso, essa pesquisa visa sugerir mediações pedagógicas para que ocorram mudanças de olhar, e uma

integração entre um sentimento e ações solidárias na vida desses alunos, ou seja, que eles consigam libertarem-se e emanciparem-se da alienação criada pelo sistema capitalista.

Diante do exposto o **objetivo geral** desta pesquisa é analisar como a Economia Solidária pode tornar-se um “ethos” emancipador através de práticas pedagógicas ligadas a educação popular na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse objetivo geral se desdobram em outros mais **específicos** tais como: a) Compreender a importância da Economia Solidária e na vida dos indivíduos que a compõe; b) Verificar entre os professores da EJA o nível de conhecimento sobre o movimento da Economia Solidária na cidade; c) Refletir, juntamente com esses professores, sobre práticas pedagógicas em educação popular destacando aquelas capazes de levar os indivíduos e/ou grupos a emancipação social e econômica; d) Elaborar estratégias para trazer o conhecimento das pessoas, que já estão ligadas a esse tipo de economia, para dentro da sala de aula como forma de ensino libertário e emancipatório e como ocorre a desconstrução de uma ideia de trabalho convencional para um trabalho solidário; e) Elaborar algumas práticas pedagógicas para que possam ser utilizadas em salas de aula e em espaços educativos que abranjam aspectos da pedagogia da Economia Solidária que busque a emancipação dos alunos de forma espontânea, focando no público da EJA;

2. Metodologia

O método utilizado para análise crítica foi o do Materialismo Histórico e Dialético, que analisa o homem, a sociedade e a materialidade histórica criada por eles. Esse método busca partir das relações dinâmicas e totais, quer dizer, não aceita que os eventos sejam isolados, examinando suas conexões que geram transformações na sociedade, essas devem ser analisadas em todas as suas contradições. Portanto, é importante avaliar como o modo de produção e a organização social determina a reprodução da sociedade e seus problemas dentro desse sistema. Debatendo a partir desses aspectos a organização econômica e social que foram produzidas para explicar a desigualdade social que ocorre no capitalismo. Com esse método foram analisados os motivadores capazes de levar a Economia Solidária a se desenvolver no Brasil, estudando como a emancipação social pode se dar a partir da compreensão das relações sociais e produtivas na economia capitalista, e, também, refletindo sobre as possibilidades que algumas pessoas e/ou comunidades estão encontrando para sobreviver, melhorando a realidade sócioespacial no próprio local onde estão inseridas. Do ponto de vista educacional, também foi utilizado o mesmo método, para que, juntamente, com os professores e alunos fossem criadas práticas pedagógicas e ações capazes de emancipar as pessoas envolvidas na EJA.

No que tange aos procedimentos metodológicos, tivemos como desafio permanente, a pesquisa bibliográfica, que permitiu um levantamento, leitura e seleção de obras, como livros, teses, monografias, artigos, etc. Foram privilegiadas as obras que permitiram ampliar o debate sobre o tema da Economia Solidária na emancipação individual e coletiva, trazendo essa transformação social pela Educação Popular no Ensino de Jovens e Adultos.

Foram realizadas entrevistas com os professores da Escola Municipal Professor Sylvio de Araújo. Essas entrevistas tiveram o intuito de compreender a importância da Economia Solidária na cidade de Rio Claro e na vida dos indivíduos que a compõe. Além disso, identificou o nível de conhecimento que os professores têm sobre o movimento da Economia Solidária na cidade. E ao

final da pesquisa com o conhecimento sedimentado sobre a Economia Solidária, foi possível propor, de forma participativa (pesquisadora, professores e EES¹), algumas práticas pedagógicas em educação popular que possam ser utilizadas em salas de aula da EJA.

¹ EES: Empreendimentos Econômicos Solidários

3. Economia Solidária

A Economia Solidária no Brasil teve seu despontar no início da década de 1970, durante o “Milagre Econômico”, que ocasionou um crescimento econômico proporcionado pelo II Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico (IIPND), com a implantação do grande capital no país. Além disso, a “especialização flexível”, conceituada por Piore e Sabel (1984), que tem como principais características o aumento do número de máquinas e tecnologias, levando a uma marginalização da mão de obra desqualificada e aumentando o número de terceirizações e trabalhos informais. Esse processo levou a flexibilização do trabalho e das leis que o rege. Porém foi nos anos 80, do século XX, que teve seu grande crescimento, justamente, por acentuar esses problemas com as consequências da crise mundial do petróleo finalmente atingindo o Brasil.

“Diante do enfraquecimento da organização sindical, as empresas ficaram cada vez mais à vontade para promover a flexibilização das relações de trabalho, mediando o processo de terceirização. Isso consiste basicamente na redução do corpo de funcionários e no aproveitamento do pessoal dispensado na forma de avulsa prestação de serviços.” (SOUZA, 2003, p.29)

Durante esse momento os grupos de lutas sociais e sindicatos, junto com a atuação da Igreja Católica, se organizaram para combater o desemprego, visando uma melhor qualidade de vida para grupos de baixa renda, como citado por Mendes (2013). Outro fator que também era buscado era a criação de um ambiente de trabalho menos competitivo, onde todos tenham voz e com uma distribuição de renda justa, com ações solidárias e cooperativas em um ambiente coletivo, surgindo assim a Economia Solidária. Isso mostra que esse movimento não tem apenas um viés econômico, já que leva ao desenvolvimento local, mas também de transformações sociais.

“Não apenas a organização simples de pessoas em grupos, mas também a transformação dos indivíduos por meio do trabalho. Se na economia capitalista é impulsionada a competição, na solidária é a cooperação de fato, com fins de se tornar um ser humano capaz de fazer o bem para si e para o grupo, e assim pautar suas relações em geral.” (GOYA, 2012, p.20. Apud MENDES, 2013, p.16.)

O fortalecimento do setor financeiro nessa época acarretou no aumento das privatizações, exploração de recursos naturais e incorporação de economias nacionais aos sistemas produtivos globais, como alancado por Salvo (2014), passando a atuar como as principais características da globalização. Isso significa que o local passa a ter um papel dentro da economia internacional, criando uma nova tensão já que esses lugares passam a atender demandas externas e hegemônicas, como colocado por Santos (1985). Essas mudanças causaram certo desconforto, já que a população se vê obrigada a se adaptar a esse processo que agrava ainda mais a concentração de renda e assim a desigualdade, fazendo com que houvesse uma busca por uma maior autonomia e desenvolvimento local. Com isso, se torna importante salientar que esse movimento depende da regulamentação e liberdade do mercado e monopólios, já que visa dinamizar e vincular as iniciativas locais umas com as outras para haver uma fortificação da produção nacional, como dito por Coraggio em seu artigo *La Economía Social como vía para otro desarrollo social*.

A economia solidária é ou poderá ser mais do que mera resposta à incapacidade do capitalismo de integrar em sua economia todos os membros de sociedade desejosos e necessitados de trabalhar. Ela poderá ser o que em seus primórdios foi concebida para ser: uma alternativa superior ao capitalismo. Superior não em termos econômicos estritos, ou seja, que as empresas solidárias regularmente superariam suas congêneres capitalistas, oferecendo aos mercados produtos ou serviços melhores em termos de preço e/ou qualidade. A economia solidária foi concebida para ser uma alternativa superior por proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras etc., uma vida melhor. (SINGER, 2002, p. 114)

Assim vemos na Economia Solidária uma forma de geração de trabalho e renda de forma mais igualitária, sendo abrangida especialmente por pessoa fora do mercado de trabalho tradicional. Nesse nicho, elas, além de fazerem parte da produção, são donas dos meios de produção e das técnicas, não sendo subordinados a outros, além de praticarem uma economia sustentável, pois só produzem o necessário tentando agredir a natureza o mínimo possível. E por fim, constroem relações sociais baseadas na cooperação e democratização, onde o indivíduo vê seu papel no mundo, assim como sua função na sociedade, fazendo uma associação entre o social e a economia. Para que isso aconteça todos devem compartilhar seus conhecimentos e

experiências necessárias à produção, gestão e trocas.

“(...) ela é uma prática e não uma teorização, ela parte da luta dos trabalhadores pela sobrevivência a partir da incapacidade da economia de mercado de garantir a todos uma produção e distribuição dos resultados, que é a lógica da organização. Os trabalhadores marginalizados pelo mercado não são inseridos na lógica da acumulação, que é privada e excludente. (...) Então, essa incapacidade na estrutura de mercado de contemplar a satisfação da sociedade leva a diversas práticas e organizações de associações de bairros, de pessoas da periferia (...) buscando geração de renda através de organização cooperada.” (Kapron S., p.48, 2002)

Além da cooperação e da coletividade, outro aspecto importante é a autogestão dos negócios, onde todos os participantes têm uma atribuição na organização, tanto na coordenação como na produção, como mencionado anteriormente. Em virtude disso ocorre uma distribuição da renda feita de forma igualitária entre todos os trabalhadores, que buscam participar de todo o processo, havendo uma “desalienação” do trabalho, isso também ocorre no consumo, pois passam a entender a importância de comprar produtos advindos dessa produção e, também, por conhecerem o destino do dinheiro. Esse é um ponto crucial na diferenciação do trabalho tradicional, onde o indivíduo tem apenas uma função e é “alienado” do restante da produção, quer dizer, seus saberes ficam restritos a um espaço, o que faz com que ele não entre em contato com novos conhecimentos e áreas de atuação, prendendo-o ao seu cargo.

Sendo assim, pode-se dizer que um dos objetivos da Economia Solidária é o desenvolvimento local como uma inclusão socioeconômica mais humanizada.

“Autogestão significa que a mais completa igualdade de direitos de todos os membros deve reinar nas organizações da economia solidária. Se a organização for produtiva (uma cooperativa ou associação de produção agrícola, extrativa ou industrial, por exemplo), a propriedade do capital deve ser repartida entre todos os sócios por igual, que em consequência terão os mesmos direitos de participar nas decisões e na escolha dos responsáveis pelos diversos setores administrativos da mesma” (SINGER, 2003, p.116)

A valorização da emancipação social, tanto como luta individual quanto coletiva também se dá nesse modelo, pois, através da “desalienação” produtiva

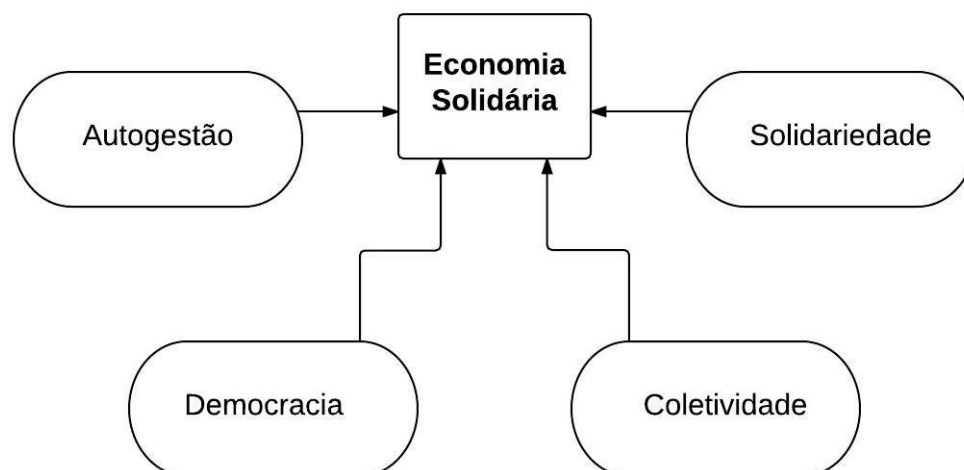
o trabalhador domina seu próprio trabalho e todo o processo que o envolve, compreendendo as relações sociais que fazem parte desse. Vemos assim que não há uma subordinação no meio de trabalho e sim uma cooperação, onde todos colaboram com suas habilidades durante todo o processo e nas decisões, também conceituado por SILVA (2013) como:

“A emancipação humana tem a ver com a maneira como os homens se organizam para transformação da natureza e produção de sua existência como ser social. Desta forma, o processo emancipatório não é algo abstrato, mas concreto, que envolve repensar o modelo econômico vigente. Como se caracterizam as relações de trabalho nele? Pois, a emancipação não se dá apenas no plano das ideias, não é apenas no discurso que se constrói efetivamente condições de emancipação. As relações dos homens com os homens e destes com a natureza constituem fundamentais para se pensar o processo histórico e sua reconstrução”. (SILVA, 2013, p. 756).

É nesse espaço de resistência que haverá a transformação do indivíduo junto ao seu grupo

Para esse trabalho usaremos dos quatro principais preceitos da Economia Solidária que estão presentes na Educação Popular e na Emancipação Social, sendo eles: autogestão, democracia, coletividade e solidariedade (Imagem 1)

Imagem 1: Preceitos da Economia Solidária



Fonte: Elaborado pela autora

5. Educação Popular

Foi também na década de 1980 que se iniciou um processo de humanização da educação, surgindo assim a educação popular, que busca através de práticas pedagógicas socioeducativas a emancipação do sujeito. Essa vem em contrapartida à educação atual que tem um papel de formar mão de obra para o mercado capitalista ao invés de cidadãos críticos. A educação popular surge ligada aos movimentos sociais, com um caráter de transformação social, em que o indivíduo busca uma nova concepção de mundo por meio de estudos voltados ao contexto histórico dialético no qual o grupo está inserido.

A educação popular comprometida com a classe trabalhadora é, portanto, uma educação ético-política e intelectual dessa classe, acontecendo em todos os espaços educativos, direcionada ao atendimento das necessidades e dos reais interesses das camadas populares. Ao visar tornar os sujeitos elaboradores de sua própria cultura, acontece dentro e fora dos muros institucionais, tendo a escola como um espaço fundamental de sua realização por ser lugar de cultura, de ciência e de tecnologia. (MACIEL, 2011, p.336)

Os movimentos sociais começaram a se mobilizar cada vez mais nesse período lutando pela democratização econômica, política e social do Brasil. Esses grupos também lutavam por uma formação voltada as suas necessidades, não apenas a do mercado, quer dizer, a luta contemplava uma mudança estrutural já que contemplam transformações no modo de produção e na organização social. Assim, é visto que a educação torna-se um instrumento de transformação social (MACIEL, 2011), por isso deve ser pensada e organizada para e por membros de classes populares para que haja uma formação voltada a suas prioridades, que é a formação de indivíduos críticos que pensem tanto no coletivo quanto no meio ambiente. Contudo, não existe uma Educação Popular que seja aplicada de forma uniforme em todos os grupos, pois cada um deve aplicá-la de forma a se encaixar na sua luta, no seu “ethos” e em seu local.

Os “ethos” são grupos formados por indivíduos que através da interação social apresentam semelhanças, sendo elas étnicas, profissionais, culturais, quer dizer, agrupamentos que apresentam um estilo de vida comum e que

buscam o mesmo objetivo a partir das mesmas visões de mundo. Cada um deles atribui diferentes sentidos para seus costumes e práticas, isso quer dizer que são os indivíduos que formam o “ethos” e não o contrário. É importante salientar que cada um desses grupos surge em um contexto sócio-histórico próprio, assim carregando suas próprias lutas e características como experiências e saberes, em que todos carregam “as marcas da materialidade da vida construída em uma relação dialética entre objetividade e subjetividade” (ADAM, 2010, p.36). Assim, é visto que o grupo sempre tenta atingir seus objetivos juntos, não de forma individual, por isso a liberdade e autonomia se dá no coletivo.

Dentro da Economia Solidária podemos ver exemplos desse movimento, já que em cada empreendimento solidário apresenta um “ethos” que busca em seu trabalho a democracia, autonomia e coletivismo uma forma de geração de renda. Nesses espaços de trabalho é importante lidar com a coletividade e as diferenças apoiado da interação social e do conflito entre diferentes esferas como política, social, ética e afetiva, buscando a partir da realidade uma reflexão sobre o condicionamento social no qual estão postos. Para isso se utiliza de Paulo Freire, pois esse diz que a educação é um processo de formação do homem considerando sua natureza essencialmente política.

Com isso na ES² as atividades de produção estão ligadas às experiências de cada um e também nas mediações pedagógicas, já que existe uma socialização e transformação desses saberes para que possam ser aplicados em diferentes formas ou etapas. É no compartilhamento com o grupo que ocorre um debate e compreensão de novas práticas, para que de fato ocorra uma aplicação na produção. É importante que cada pessoa seja prestigiada por aquilo que tem maior capacidade, respeitando sua individualidade, mas é quando compartilhado que esse saber se torna importante para o desenvolvimento do grupo de forma qualitativa. Esse movimento gera uma autonomia do grupo em relação à produção capitalista, já que eles passam a serem donos dos meios de produção e dessa maneira se

² Durante o texto Economia Solidária será abreviada como ES.

dá à práxis, já que essa é uma atividade ligada ao conhecimento humano com um compromisso político.

A Práxis, que é a prática refletida de forma crítica, faz parte desse processo de aprendizagem, pois é necessário que o homem reflita sobre seu contexto econômico, social e espacial, entendendo seu “ethos”. A partir dessa compreensão ele poderá sair do senso comum e da alienação fazendo da luta social parte do seu trabalho, já que essa é indissociável do seu cotidiano, como colocado por Arruda (2006) ao longo de seu texto *Estratégias de Formação no Campo da Economia dos Setores Populares*.

“A Educação da Práxis oferece visão e metodologia para o educando e o educador que desejam construir-se sempre mais além. É uma educação voltada para a integralidade do Homo e do seu ecossistema. Está referida não apenas à sua realidade atual, mas aos seus potenciais e atributos subjetivos e objetivos a desenvolver, enquanto indivíduo e coletividade. A diversidade de aspectos e dimensões do seu ser pessoa e sociedade abrem possibilidades infinitas ao ser mais, porém é também fonte de conflito e contradição.” (Arruda, p.12, 2006)

Há uma necessidade de mediações pedagógicas para que possam esclarecer os saberes para os indivíduos, possibilitando que eles consigam por si mesmos atribuírem sentidos a suas ações. Isso mostra que elas buscam transformar o sujeito ao invés de moldarem para a economia vigente, como debate Adams. Essa possibilidade surge com reflexões em cima de teorias e práticas que proporcionam que essas camadas mais populares compreendam o modo de produção econômica e do espaço, assim como a sociedade. Assim, o debate proposto por Paulo Freire em *Pedagogia Libertadora* é que através desse método o grupo encontre uma forma de se libertar da hegemonia do capital, não reproduzindo a lógica do opressor. Desse modo interpretamos que a Educação Popular busca organizar as classes menos abastadas para transformá-lo em um agente crítico, político e autônomo, superando a educação vigente, formadora de mão de obra reprodutora.

O encontro entre a Economia Solidária e a educação popular se dá no fato de que as duas tem sua base e surgimento nas classes excluídas da sociedade que lutam para sua qualificação e independência social e monetária. As duas focam na produção, reprodução e trocas, sendo a primeira voltada a

bens de serviços e produtos materiais e a segunda a valores e conhecimentos simbólicos (CRUZ e GUERRA, 2009). Assim, pode-se observar que com essa construção ocorre um movimento de críticas em relação à sociedade atual e a qual o indivíduo está determinado a viver por conta do capitalismo, propondo uma nova forma de economia e educação que virão a transformar a sociedade.

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. Ao fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca. (FREIRE: 1987, PP. 37-38)

Para Paulo Freire a grande transformação da sociedade seria a superação da pobreza em um sentido econômico e social, em que não houvesse competição e egoísmo entre os indivíduos e sim cooperação. Para que ocorra essa mudança se faz necessário que o sujeito lute por isso, se não ele tenderá a continuar a ser oprimido como consequência da exploração, diante disso o autor dá a importância a uma educação popular e crítica. É nesse momento que vemos o ponto de encontro entre o pensamento de Freire com a ES e a EP, pois essas são espaços de um meio de produção onde todos são donos e tem poder e conhecimento sobre as áreas, e que a solidariedade e cooperação vêm no lugar da competição. São nesses espaços que os oprimidos têm controle e espaço para refletir sobre suas práticas sociais, onde tem lugar de fala e constroem suas políticas. A possibilidade de formação desse espaço se dá apenas pelo fato de que a ação política presente não busca ser mascarada.

Para Freire o pensamento libertário que vem em uma educação voltada às camadas oprimidas irá partir deles mesmos. É importante entender que a libertação para o oprimido é sair dessa condição, virando opressor, não necessariamente acabar com o sistema que faz com que essa dicotomia exista. Para que esse pensamento seja transformado vê-se a necessidade da práxis, pois é necessário que o oprimido crie um olhar e ação crítico em relação ao sistema reprodutivo. Porém o opressor sempre tentará reproduzir as classes

sociais, tendo medo de perder, com a libertação, seu poder de oprimir. Por conta disso usam na educação instrumentos para continuar com sua dominação, através de uma educação acrítica.

Esse movimento de crenças que fazem com que os indivíduos oprimidos acreditem que sempre ficaram nessa condição pois não tem capacidade de melhorar, ou não são inteligentes o suficiente, etc, isso faz com que eles se estagnem nessa condição, pois deixam de acreditar em uma transformação de sua realidade. Isso faz com que se tornem passivos, reproduzindo o sistema opressor de poucos. É preciso então que haja um dialogo entre os oprimidos sobre sua libertação, fazendo com que reconheça a sua importância como ser histórico e homem, como discute Freire, fazendo com que refletiam, o que leva a prática, que teria um viés transformador, sendo assim a práxis.

5.1. Emancipação Social

A emancipação social se dá quando o homem sai da sua condição de submissão, e passa a ter liberdade e autonomia sobre si mesmo. Essa emancipação deve passar por todos os campos que interagem na vida humana, político, econômico, social e cultural, já que além de entender seu contexto histórico, ele deve ter consciência da reprodução social que ocorre de forma hegemônica sobre ele.

Emancipar-se significa, na presente análise, livrar-se do poder exercido por outros, aceder à maioria de consciência, capacidade de conhecer e reconhecer as normas sociais e morais (...) vincula-se a autonomia individual e coletiva. É o contrário de dependência, submissão, alienação, opressão, dominação, falta de perspectiva. (ADAMS, 2010, p.43)

Fazendo parte da transformação social do ser temos a emancipação social que está ligada a desalienação do homem. Esse conceito será ao longo do texto amarrado com os principais conceitos da Economia Solidária, sendo eles, coletividade, autogestão, democracia e solidariedade. A alienação do trabalho do homem se dá quando esse se encontra destituído do modo de

produção, da atividade que realiza e do produto final. Quer dizer, ele não vê relação entre seu trabalho e aquele produto desenvolvido, pois além de não ter conhecimento do restante da produção ele não se enxerga ali, pois deixa sua criatividade de lado para dar uso a técnica.

(...) o produto do trabalho humano foi reduzido à mera condição de “coisa” portadora de valor, adquirindo a duplicidade de valor de uso e valor de troca. O ser humano – trabalhador, criador e produtor – também foi reduzido à coisa-mercadoria específica, que tem a capacidade de criar mais valor (para o capital) do que encerra em si mesmo. (FRANCO,2011, p.182)

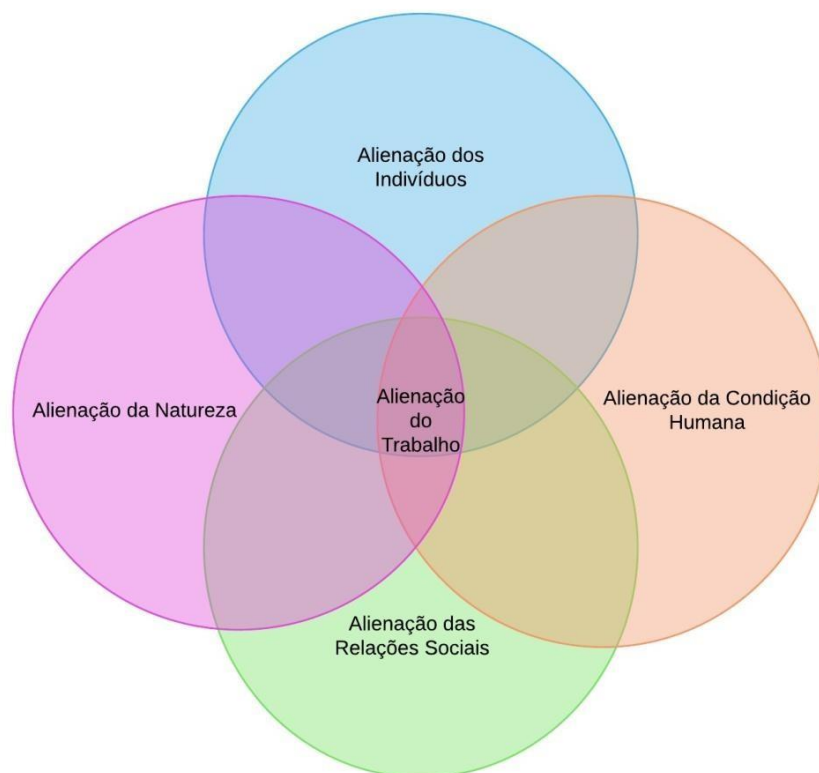
Para Mézaros a leitura que Marx faz sobre a alienação é “(...) que a alienação econômica era o elo comum de todas as formas de alienação e desumanização” (MÉSZÁROS, 1981, p. 211 apud DARDENGO, 2015, p.5). Isso se dá porque na teoria da alienação de Marx ocorrem quatro etapas segundo o autor, sendo elas a alienação dos indivíduos, a alienação da natureza, alienação da condição humana e a alienação das relações sociais (Imagem 2)

A primeira etapa, segundo Marx, diz respeito ao homem livre dos meios de produção, o que lhe restou foi apenas sua mão de obra, tornando-o mercadoria, assim ele está alienado de sua própria atividade produtiva. A segunda etapa diz respeito a alienação do indivíduo com sua produção e trabalho, quer dizer, não vê no produto sua participação, já que ele viria a existir sendo ele ou outrem. Já a alienação da condição humana refere-se aos sentimentos de egoísmo e competição que passam a estar presente no cotidiano de todas as ações humanas. E finalmente a alienação das relações sociais que condiz da alienação do indivíduo com o grupo por conta da alienação causada pelo trabalho que o impossibilita de ter diversas relações sociais que abrangem o processo de produção, “As relações sociais são então coisificadas, metamorfoseiam-se em relações entre mercadorias e não mais entre seres humanos.” (DARDENA, 2015, p.6)

(...) quando houver desaparecido a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, o contraste entre o trabalho intelectual e o trabalho manual; quando o trabalho não for somente um meio de vida, mas a primeira necessidade vital; quando, com o desenvolvimento dos indivíduos em todos os seus aspectos,

crecerem também as forças produtivas e jorrarem em caudais os mananciais da riqueza coletiva, só então será possível ultrapassar-se totalmente o estreito horizonte do direito burguês e a sociedade poderá inscrever em suas bandeiras: De cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades. (MARX, 2000, p. 25).

Imagem 2: Alienação do Trabalho Segundo Marx



Elaboração pela autora

Com essa leitura vemos que a alienação torna o homem preso ao sistema, perdendo seu poder pelo próprio trabalho e autonomia, ficando alheio a totalidade da produção e acaba ficando isolado. Esses pontos vêm em contrapartida a ES, que busca um local de trabalho onde ocorra uma autogestão, que é o gerenciamento do empreendimento pelos próprios funcionários, que assim podem tomar decisões de forma coletiva e democrática, quer dizer, elas não chegam como uma imposição de agentes hegemônicos. Já a solidariedade vem em oposição aos sentimentos de

competição e egoísmo, pois o trabalho deve ser feito pensando no bem de todos, e como todos que estão ali podem se beneficiar da situação, ao invés de uma pessoa lucrar muito mais do que as outras. Quer dizer, eles não se tornam alheios a própria produção, podendo enxergar seu papel na mercadoria e constantemente tendo relações sociais pois nada pode ser resolvido sozinho, todos tem um certo poder em todo o processo.

É facilmente observado que a ação política em economia solidária prevê uma produção emancipatória, na qual existe a possibilidade de se conhecer e dominar todo o ciclo de produção das mercadorias, o que contribui com a superação de parte das contradições entre capital e trabalho. Pela economia solidária não existe a separação entre os que detêm os meios de produção e os que detêm a força de trabalho e, assim, a relação patrão-empregado é eliminada, possibilitando a apropriação coletiva da riqueza produzida. (ORTIGOZA, 2014, p.255)

É quando o homem se encontra em uma posição em que está alheio aos instrumentos e modos de produção que ele se encontra em uma posição de submissão. Para que o sistema se reproduza com sucesso, tendo o capital concentrado nas mãos de quem domina a produção, é preciso que esse trabalhador continue alienado, preso ao seu trabalho, sendo educado apenas para se tornar mão de obra. Para que esse processo possa ser modificado é preciso de uma educação que o faça compreender a dialética de seu contexto, percebendo como é condicionado e como pode procurar transformar sua realidade.

“É na dinâmica dessa relação com o contexto histórico-social e com a capacidade laboral e criativa do *homo* que a educação tem a difícil tríplice vocação: *denunciar* as estruturas e as relações de opressão e alienação; *anunciar* a possibilidade de empoderamento e emancipação dos oprimidos por eles mesmos; e *enunciar*, em colaboração com eles, uma metodologia de empoderamento e os caminhos concretos para realizá-la na prática” (ARRUDA, p.53)

Como debatido pelo autor, uma educação emancipadora, como é a popular, pode ajudar na formação de um ser crítico, capaz de se libertar sozinho da opressão causada pelo capital. Para isso o autor analisa que é preciso construir uma consciência do grupo, abrangendo seus valores e conhecimentos – “ethos” – pois assim existirá um trabalho solidário de

libertação, não deixando de ser uma preocupação egoísta, existindo uma preocupação com o próximo também entender seu poder de libertação. Só que para esse transcurso se realize é preciso que ele lute para voltar a ter controle sobre seu trabalho, voltando a ter autonomia.

6. A Fala dos Professores

Em 2015 foi oferecido pela Unesp um curso de Extensão Universitária a distância sendo chamado “*Economia Solidária: princípios, práticas educativas e políticas públicas*”, coordenado pela Professora Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza. Os objetivos desse curso eram “Promover o entendimento dos princípios básicos da Economia Solidária; Apresentar possibilidades didáticas na inclusão da Economia Solidária como tema nas aulas da EJA; Tomar conhecimento das políticas públicas e práticas em Economia Solidária no município de Rio Claro”. (ORTIGOZA; KAFKLE, ZANFELICI, 2015)

Esse curso foi oferecido diretamente aos professores da Escola Municipal Professor Sylvio de Araujo, os mesmos que se disponibilizaram a responder questionários para essa pesquisa, durante o período dos dias 19 a 23 de junho de 2017.

Por meio dessa entrevista buscamos entender o que esses professores entendem por Economia Solidária e se após o curso buscaram organizar atividades ligadas ao tema, ou então aplicar aspectos de uma educação que almeje mudar a visão de trabalho dos alunos. Para isso foram aplicados doze questionários com os professores e funcionários da E.M. Professor Sylvio de Araujo, entre eles três professores da EJA, cinco do Fundamental I e quatro funcionários ligados a coordenação, direção e sala de recursos. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice A.

Na primeira pergunta, sobre o que cada professor entendia por Economia Solidária, a maioria deles citaram que é um trabalho coletivo voltado para o bem do grupo, tendo todos um objetivo comum através de um trabalho mais humanitário, em que todos apresentam os mesmos direitos e deveres,

tendo uma distribuição de renda mais justa. Poucos disseram da importância do conhecimento que cada um trás a produção e do seu compartilhamento, e apenas uma professora citou a relação ecológica presente nessa economia. Outro fator pouco lembrado é a dinâmica da autogestão e organizações de créditos que esses empreendimentos podem formar, para ajudar na formação de um comércio mais justo.

Destacamos a seguir algumas falas dos professores:

“A Economia Solidária é um grupo de pessoas que tem o mesmo objetivo de conseguir recursos próprios a partir de seu conhecimento, em que a divisão de lucros é feita de forma mais igualitária. Deve haver uma relação ecológico com a produção e a distribuição dos produtos.” (Professora A, 2017)

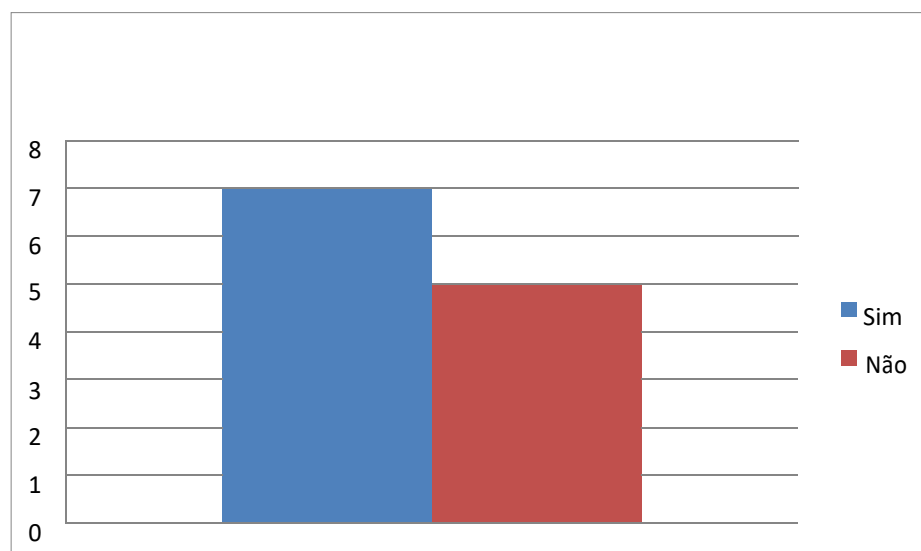
“É um conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, crédito organizados sob a forma de autogestão, cooperação e associação. Troca, comércio justo e solidário.” (Professora B, 2017)

“Penso que sejam atividades econômicas não tradicionais, que geram renda a partir da mobilização de pessoas através de ONG’s e cooperativas, além de outras maneiras utilizando seus conhecimentos e capacidade de trabalho, numa perspectiva de emancipação social, e que não visa apenas o lucro.” (Professor C, 2017)

Durante a aplicação dos questionários foi possível perceber que os professores tiveram certa dificuldade em lembrar os aspectos básicos da ES. Nas conversas foi dita que no decorrer do curso todos se juntavam para ler os textos, debater e fazer atividades, tentando acrescentar nesse percurso técnicas coletivas como abordadas pelo conteúdo. Porém é possível perceber que a pesar das reflexões feitas a maioria das respostas foram dadas com associações com a palavra “Solidária”, do que de fato mostrar que houve uma compreensão e assimilação do tema. Isso é bem analisado nos relatórios em que foi visto que todas as respostas tinham “objetivo comum”, “coletividade” e “bem-estar coletivo” citados, mostrando que houve uma dificuldade da maioria em desenrolar a questão.

Na segunda questão foi debatido se algum pai de aluno ou o próprio aluno, no caso da EJA, trabalhava em algum empreendimento solidário. Cinco professores afirmaram que não, já sete afirmaram que sim (Gráfico 1), estes disseram que a maioria desses pais e alunos trabalhavam na reciclagem no “Cooperviva”, que é a Cooperativa de Trabalho dos Catadores de Materiais Reaproveitáveis de Rio Claro, outros em panificadoras, produção de artesanato, decorações e doces. Na pergunta seguinte cinco responderam que tanto esses pais quanto seus filhos apresentam sim uma visão mais coletiva e emancipadora do trabalho (Gráfico 2), pois eles mostram aos professores que entendem a importância de se trabalhar de modo coletivo, no qual um ajuda o outro, além de mostrarem autonomia em relação a iniciar discussões ou fazerem tarefas em sala outra forma vista é pela participação deles no grêmio estudantil, onde buscam reivindicar melhoras para os alunos. Para outros dois professores não há uma diferença de trabalho entre esses alunos em relação ao restante da turma.

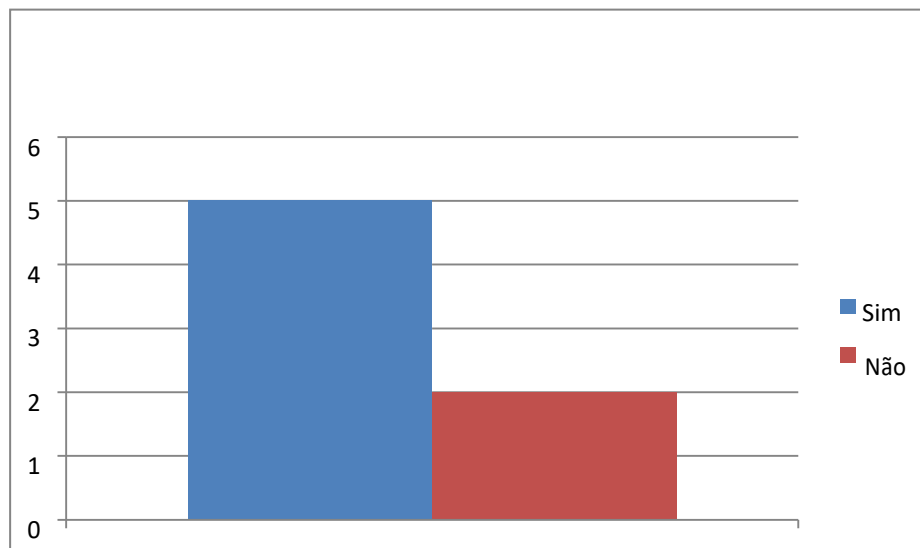
Gráfico 1: Conhecimento de Alunos/Pais que Trabalham em um Empreendimento Solidário



Fonte dos dados: Pesquisa Direta

Elaboração pela autora

Gráfico 2 : Número de Professores que veem alunos com uma visão mais emancipadora

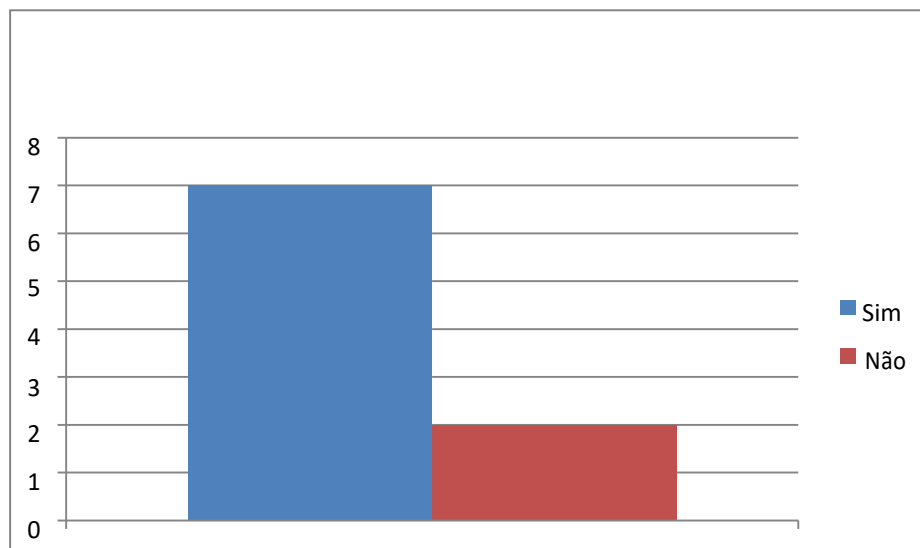


Fonte dos dados: Pesquisa Direta

Elaboração pela autora

A quarta pergunta, que se perguntava se os professores já haviam trabalhado com ES em sala, foram apresentadas sete respostas sim contra duas professoras que disseram não (Gráfico 3). Estas professoras que não haviam trabalhado com a temática alegaram que por lecionarem para turmas de 2º e 3º ano do E.F.I encontraram dificuldades em abordar o tema, porém buscavam de outras formas trabalhar com dois aspectos importantes dentro desse assunto: democracia e a coletividade, esse tema será abordado durante a última pergunta do questionário.

Gráfico 3: Número de professores que trabalharam com Economia Solidária em sala de aula

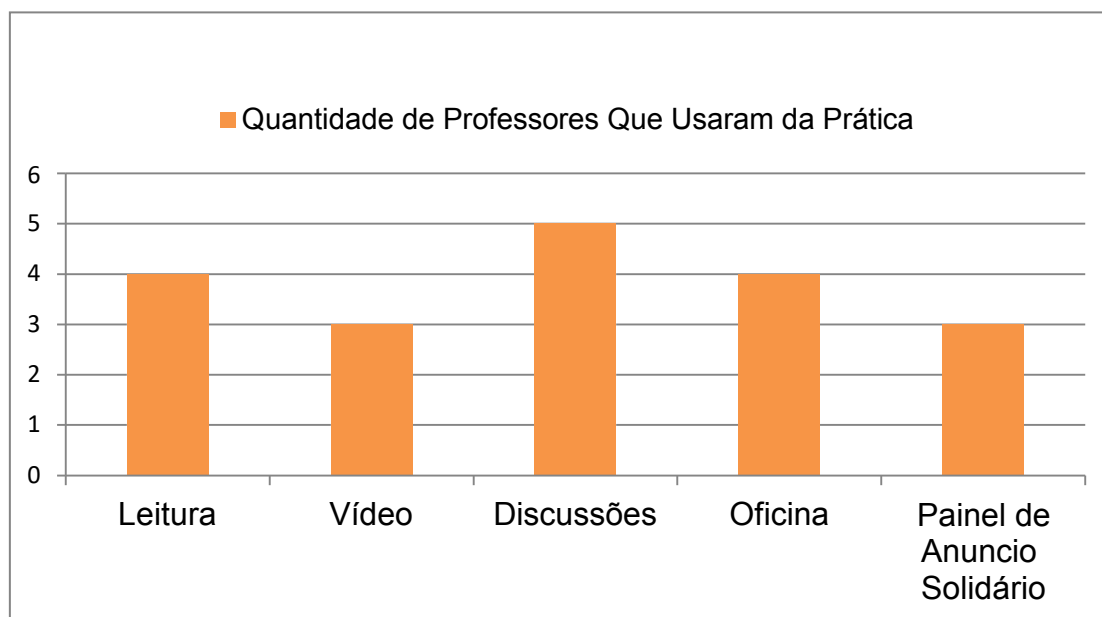


Fonte dos dados: Pesquisa Direta

Elaboração pela autora

Já os professores que responderam sim disseram que por conta do minicurso houve uma semana especial para discussão e atividades envolvendo a temática da Economia Solidária. Essas atividades foram feitas através de leituras indicadas pelos professores do curso, vídeos, discussões, oficinas e um painel de anúncios solidários, onde alunos da EJA, ligados aos empreendimentos solidários ofereciam trocas de serviços (Gráfico 4).

GRÁFICO 4: Atividades Proposta Sobre Economia Solidária



Fonte dos dados: Pesquisa Direta

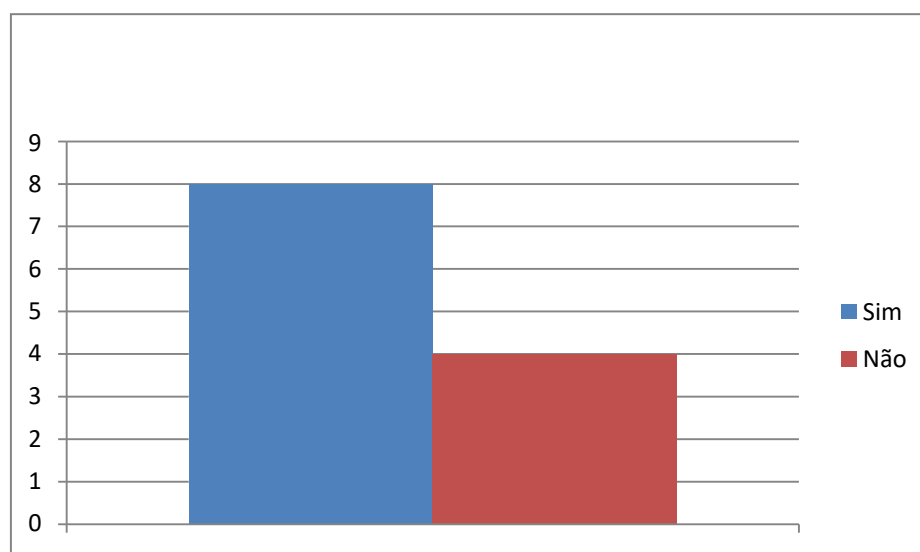
Elaboração pela autora

Através do gráfico é possível analisar que cinco de seis turmas tiveram discussões em sala, entre alunos e professores, sobre o que é a Economia Solidária, em que espaços podem acontecer, seus principais atributos e como surge dentro da lógica capitalista. Muitas dessas discussões foram permeadas por textos – elaborados pelos próprios professores através da bibliografia utilizada no curso –, metodologia usada por quatro professores. Outros três utilizaram de vídeos e, apenas, um professor da EJA utilizou-se dos dois meios. Já o painel de anúncios solidários foi elaborado pelos três professores da EJA, e na noite de oficinas além desses três, uma das funcionárias ofereceu também uma oficina, sendo estas voltadas para artesanato e culinária, como forma das pessoas buscarem através de formas criativas novas formas de renda.

Mesmo após o curso e o tema não ter sido mais tratado de forma direta, o grupo mostrou que continua trabalhando com assuntos que abordam a importância da coletividade e a democracia. Como exemplo disso, eles disseram usar cada vez mais de trabalhos em grupos e votações democráticas

para tomadas de decisões, assim como a discussão de novas formas de organização de produção e trabalhos mais igualitários, onde o indivíduo não precisa se submeter à exploração. A partir disso oito de doze respostas afirmaram que buscam colocar em suas próprias práticas pedagógicas os atributos das ES (Gráfico 5).

Gráfico 5: Professores que continuaram a aplicar suas práticas no contexto da Economia Solidária



Fonte dos dados: Pesquisa Direta

Elaboração pela autora

A sexta pergunta detalhou que todos os professores percebiam a importância da Economia Solidária e seus empreendimentos para o município de Rio Claro, SP. “Eu percebo. Mas o município percebe?” (Professor C, 2017)

Alguns citaram a importância dela no papel que está tendo na geração de trabalho em renda nesse período de crise econômica. “No período de crise é fundamental” (Professor D, 2017). Reconheceram que, mesmo antes da crise, já haviam incentivos da prefeitura para essas práticas, como por exemplo, os locais cedidos na frente do Shopping Rio Claro e na Estação de Ônibus.

Outro ponto citado foi a participação na feira do produtor, onde muitos fazem questão de ir por conta da produção orgânica com preço justo.

A sétima questão perguntava se os professores tratam do contexto histórico social e local e todos responderam que sim. As professoras do Ensino Fundamental disseram que começam a trabalhar desde cedo com a realidade local dos alunos, pois elas vêm à importância do sistema no qual todos estão inseridos. Já os professores da modalidade EJA dizem que, além da contextualização, buscam também adentrar em debates voltados sobre a política nacional e internacional, o principal ponto conversado é a exploração e manipulação da mídia.

Em seguida foi perguntado o que cada um entendia por “trabalho”. A maioria das respostas colocava que é algo para distrair a mente e forma de sustento. Outros deram resposta mais aprofundadas, dizendo que “Trabalho é um conjunto de atividades realizadas por indivíduos com esforço e objetivo para atingir metas” (Professor B, 2017), essa ideia foi complementada pela ideia de que o objetivo pode ser também coletivo.

Merece destaque ainda a resposta de que trabalho é “Força e criação através da exploração, já que muitos produzem para quem não fez nada ganhar todo o dinheiro (detentor do capital)” (Professor E, 2017). E também essa de que é uma “Atividade que se executa e tem um valor de troca, nem sempre é o dinheiro.” (Professor D, 2017).

Em relação ao que pensam sobre “trabalho libertador” houve uma dificuldade dos professores em responderem, já que muitos nunca ouviram o conceito. Por conta disso as respostas foram difusas, muitos colocaram como um trabalho prazeroso, em que você faz o que tem aptidão, podendo ganhar bem por isso ou não. O mais próximo do conceito descrito foi quando trouxeram o aspecto da inexistência da opressão e discriminação, pautado na competência e que todos possam colaborar com seus conhecimentos durante o processo produtivo e que permita que o trabalhador possa progredir de forma social e econômica.

Uma outra professora já fez uma conexão com a emancipação social, dizendo que trabalho libertador está “Ligado com a emancipação social, onde o indivíduo consegue sair de sua condição condicionada a partir de um olhar

crítico, em que enxerga além de sua rotina para melhorar sua condição.”
(Professor D).

Trazendo a ideia de que para que haja um “trabalho libertador” é preciso que haja a superação da “alienação do trabalho”, a maioria dos entrevistados responderam que esse processo só é possível através da mudança da educação, voltada ao desenvolvimento de um olhar crítico nos alunos. Para isso dizem que deve haver a conscientização em que o indivíduo deve entender o contexto em que está inserido, assim como compreender toda a lógica da dinâmica da produção capitalista, já que é o conhecimento que irá libertá-lo desta situação de oprimido. Outros disseram que é o trabalho alternativo que emancipará o homem, pois nele todos estão envolvidos nas atividades, trabalhando em contato com a natureza de forma sustentável. Em contra partida uma professora afirma que não é possível acabar com a alienação do trabalho, pois é a renda que subverte o homem “O dia que deixar de alienar deixa de ser capitalismo” (Professor F, 2017) (Aparecida Rocha).

Sobre a “emancipação social” o principal aspecto repetido foi o fim da exploração da mão de obra. Outros responderam que o ser humano deve buscar a libertação dos padrões da sociedade que o aprisiona a buscar sempre ter grande quantidade de dinheiro e sucesso. A convergência dessas formas de pensar se deu no pensamento na ideia de que deve haver mais justiça, coletividade e democracia em uma sociedade que atinja a emancipação social. Seguindo esse pensamento alguns professores afirmaram que na tentativa de mudar a visão de trabalho tradicional dos alunos eles buscaram conversar sobre o trabalho além da renda. A principal forma de fazer isso é a partir de reflexões e debates sobre o sistema capitalista e do incentivo ao estudo.

Ao serem perguntados como propor mediações pedagógicas mais coletivas, democráticas e colaboradoras em sala, muitos, especialmente funcionários e professores ligados ao ensino fundamental I, responderam que fazem trabalhos em grupos, mostrando aos alunos que nem tudo é competição, assim como através do uso de votações para tomadas de decisões e debates a partir de leituras. Já os professores da EJA buscam focar no ensino de novas formas de geração de renda, debatendo economia e explicando como o

conhecimento e saber de cada um pode ajudar a criar novas produções no grupo. Todos buscam mostrar que através da cooperação eles podem ir mais longe e que esse é um trabalho longo, em que se forma o cidadão com o tempo. Já a professora de artes faz o debate da arte como forma de gerar renda, já que a reprodução, de artesanato, por exemplo, não é vista como arte e também trabalha a criatividade dos alunos, pois sem ela não há inovação, o que não trará um diferencial no trabalho da pessoa em relação ao que já existe no mercado.

O resultado das respostas obtidas com o questionário foi que apesar de todos entenderem os principais conceitos da Economia Solidária e de tentar aplicá-los em sala de aula, as atividades propostas ainda são muito reduzidas. Isso é visto quando analisado que na maioria das vezes as atividades propostas para abranger esse tema foram apenas discussões em sala e oficinas que buscavam ensinar aos alunos novas formas de gerar renda, como artesanato e venda de bolos e doces. Quer dizer, não foi muito pensado na autonomia social que o indivíduo pode alcançar, apenas em novas formas de gerar renda, sem pensar na coletividade, solidária e democracia. Esses outros três pontos não deixam de ser trabalhados em sala, porém sempre aparecem desconectados um do outro.

Uma das atividades que mais exemplificou a ES foi o painel de anúncios, onde os alunos ofereciam serviços por preços justos ou como troca de favores. Porém não houve uma resposta sobre o desempenho dessa atividade, foi relatado que eles pretendem voltar com essa ideia em outro momento.

Vemos assim que as atividades com um cunho voltado a ES e EP foram realizadas de forma pontual, enquanto o curso EAD se estendeu. Depois desse período não houve mais um foco nesse assunto em sala de aula e atividades e nem foram abordados conteúdos que buscassem abranger o pilar dessa economia de resistência. Isso pode estar ligado a falta de conhecimento sobre o assunto, já que alguns professores se demonstraram não saber da existência dos importantes pontos de vendas solidários na cidade. Reconhece-se que essas mediações pedagógicas praticadas devem ocorrer com mais frequência,

como trabalho em grupos e votações democráticas para decisões práticas em sala.

Conversando com os entrevistados sobre como ajudar os alunos a alcançar sua emancipação social eles frisaram a importância de contextualizar sua realidade. Eles mostraram trabalhar desde cedo, no Ensino Fundamental I, como o sistema capitalista está intrínseco no cotidiano de todos, e que acaba por moldá-los a realização do capital e geração de lucro. Ficou também claro, por meio dessa pesquisa que há uma certa resistência dos alunos na reflexão desse tema. Já na Educação de Jovens e Adultos a discussão sobre esse tema muitas vezes acaba virando uma reclamação dos alunos com seu trabalho, outras vezes, mesmo entendendo o contexto no qual está inserido ele não vê outra saída além de se adaptar ao sistema e se acomodar na situação de oprimido.

6.1. A EJA e o Trabalho

Hoje uma das principais funções da Educação de Jovens e Adultos é a alfabetização, mas também é um espaço onde o aluno pode-se reconhecer como ser pensante. Para isso é necessário que seja incentivado a compartilhar seu conhecimento, história, situação socioeconômica, cultura e experiências para o desenvolvimento de seu conhecimento, sendo ele o centro da proposta educativa, como dito por IRELAND. T.D, MACHADO, M.M, IRELAND, V. E. J. C (in. KRUPPA 2005). Mesmo apresentando uma finalidade importante à sociedade esse tipo de educação não tem muitas políticas públicas que a incentivem, muitas vezes por conta de estratégias políticas que pretendem deixar essa população na reprodução da classe social a qual pertence, sendo alienadas ao sistema político e econômico. Por isso acreditamos que os alunos da EJA formam um grupo que deveria contar com práticas educativas que os emancipassem e libertassem, através da transformação social sugerida pela Economia Solidária.

Para Singer:

“Essa reeducação coletiva representa um desafio pedagógico, pois se trata de passar a cada membro do grupo outra visão de como a economia de mercado pode funcionar e do relacionamento cooperativo entre sócios, para que a Economia Solidária dê os resultados almejados. Essa visão não pode ser formulada e transmitida em termos teóricos, mas apenas em linhas gerais e abstratas. O verdadeiro aprendizado dá-se com a prática, pois o comportamento econômico solidário só existe quando é recíproco.” (SINGER, 2005, p.16)

Observa-se que o autor aborda a Economia Solidária como uma alternativa ao capitalismo, em que o indivíduo deva trabalhar de forma igualitária, democrática, coletiva e solidária. Assim, por ser um movimento associado a populações de baixa renda, o mesmo alvo do público do ensino da EJA, seria importante o uso de métodos pedagógicos alicerçados aos principais valores desse movimento. Para isso o indivíduo deve entender o motivo e como se deu a realidade econômica e política que levaram a sua realidade local, incentivando ações solidárias dentro da escola que deverão extrapolar esse ambiente.

Para os alunos da EJA, o trabalho é a atividade que toma a maior parte do tempo, os professores investigados têm buscado, dentro das limitações, fazer um esforço para relacionar a educação diretamente com o trabalho. Assim se vê um importante ponto para a educação emancipatória para a desconstrução da ideia de trabalho convencional, pois busca-se analisar a importância de toda a produção, assim como entender todos os seus processos. Além disso, desenvolvem outras dimensões que ajudam com essa quebra de paradigma como “a ética, a estética, a comunicação, a convivialidade, a sociabilidade, o amor.” como citado por ARRUDA, In KRUPPA (Org., 2005, p.34).

Os desafios da relação entre a educação e o mundo do trabalho na EJA são particularmente complexos. Uma questão que preocupa é o reducionismo dessa relação à perspectiva de emprego. Esse reducionismo impede uma visão ontológica do trabalho, como constituinte do sujeito na sua totalidade. Pensar as categorias

relacionadas ao trabalho no campo da EJA implica em desmistificar concepções alienantes que colocam indivíduos na condição de meros reprodutores. O lugar do trabalho na vida do jovem e adulto precisa ser o lugar do ser, onde ele se realiza enquanto produtor de si mesmo e produtor de cultura. (IRELAND, IRELAND; MACHADO ,In. KRUPPA, p.97)

Por apresentarem idades e contextos diferentes, os alunos da EJA, devem contar com práticas pedagógicas que se apresentem de formas diferentes e variadas para que haja um entendimento por todos. Esses alunos enxergam na educação popular uma forma de capacitação e sistematização de seus conhecimentos, porém é observado que muitos desistem dos estudos por pressões externas, como a luta pela sobrevivência, que faz com que os discentes troquem a escola pelo trabalho, ou são vencidos pelo cansaço causado pelo mesmo. Assim chegamos ao ponto em que preocupante é o fato que muitos buscam na EJA uma forma de alcançar trabalhos melhores, com salários maiores e dignos, porém alguns desistem no meio por conta do mesmo fator que os levaram de volta para a escola.

Nesse sentido vemos a importância de formar alunos autônomos, que possam ser donos do meio de produção, que saibam o manuseio dos instrumentos, para que possam assim se ver livres do trabalho que os aprisiona intelectualmente e economicamente. Com esse intuito é preciso “desconstruir e reconstruir conceitos” (ARRUDA, 2006), investigando com o próprio grupo qual o significado que eles têm para cada conceito, criando uma relação de certa forma horizontal entre professores e alunos, já que o professor não é o detentor de todo o conhecimento, ele dá espaço para o aluno produzir seu próprio saber, conduzindo a reflexão para sua realidade.

Arruda (2006) afirma em seu texto que alguns dos conceitos a serem repensados são a economia, como atividade que gera lucro, o trabalho como mercadoria, a propriedade que é concentrada nas mãos de poucos, o desenvolvimento como o máximo lucro ou industrialização, ser humano que tem sua condição de vida determinada por onde nasceu, capital e mercado sendo vistos como personalidades humanizadas, e a democracia que é reduzida as eleições. Após essa explicação é colocado que é papel do professor analisar com o grupo o significado aqui dado e como surgiu, para o real papel que eles têm nas suas vidas e na sociedade no geral. É a partir da

exaltação desse pensamento crítico nos alunos, que se começa a pensar na necessidade de se colocar em prática novos comportamentos e de uma forma coletiva e democrática, chegando-se assim na Práxis.

A Economia Solidária promove a educação não como fim em si, mas como via de empoderamento dos educandos para tornarem-se gestores competentes dos seus empreendimentos cooperativos e sujeitos do seu próprio desenvolvimento pessoal, comunitário e social. (ARRUDA in. KRUPPA, 2005, p.37)

Assim vemos que a educação para esses grupos deve fugir da tradicional, para uma educação que busque a criação de um senso crítico através do diálogo. Ela também deve ser dinâmica, segundo o autor, onde o aluno não apenas ouça e reproduza o que o professor fala, mas que ele consiga problematizar e solucionar por si os obstáculos que são postos em sua frente para que consiga se libertar da condição que lhe é imposta. E para ARRUDA (2005) não deve haver uma separação entre o conhecimento e o trabalho, mas sim uma complementação para que o indivíduo consiga dominar sua técnica e modo de produção para poderem se tornar gestor. Isso significa que ele terá a oportunidade de ocupar diversos cargos durante a produção, tendo conhecimento sobre ela, ajudando na tomada de decisões, que é uma das qualidades dos grupos de empreendimentos solidários.

MELLO (In.KRUPPA, 2005) analisa as principais metodologias para se chegar em uma educação popular e emancipadora e são eles: a importância do conhecimento vindo do aluno, tomar a realidade como mediação pedagógica, importância do diálogo entre os alunos e deles com o professor, o posicionamento político em relação a um grupo. Uma das importâncias desse método é o professor ajudar a entender a potencialidade de cada aluno na produção, buscar saber no que ele tem facilidade, mas também os ajudando em suas dificuldades.

Assim vemos que, para a formação crítica de um indivíduo é preciso trabalhar dentro da escola os principais aspectos da Economia Solidária, através de tomadas de decisões de forma democrática, trabalhando em grupo e a cooperação desses em forma de diálogos e atividades, buscar com que o aluno consiga refletir sobre a situação buscando sozinho formas de contorná-

la, mas sempre pensando em um bem coletivo. Deve-se buscar aplicar em sala de aula o que se espera deles no lado de fora, em seu trabalho e relações sociais, incentivando-os a terem sua liberdade no trabalho, talvez até fazendo parte de um Empreendimento Econômico Solidário. Enfim, é preciso que seja dada a devida importância a sua formação emancipatória, deixando assim de ser condicionado pelo capital.

É indiscutível que os trabalhadores associados na produção precisam dominar as operações básicas para fazer as contas, avaliar qual é a atual situação econômica e projetar as metas de produção e comercialização que garantam a remuneração de seus integrantes e a manutenção da própria unidade econômica. Além de calcular matematicamente, também necessitam de formação política para definir quais os tipos de investimentos que serão necessários para isso. (TIBIRA, 2007, p.91)

Cruz e Guerra (2009) abordam a mudança de um trabalho assalariado para um trabalho associativo, em que há uma colaboração entre os trabalhadores para compra de terras e meios de produção e uma divisão justa do ganho total. Segundo os autores dentro da própria empresa, que pode ser solidária, ocorre mediações pedagógicas através de saberes adquiridos nas escolas, oficinas, cursos, discussões em reuniões, etc. É nesse momento que entra a práxis que é um resultado da reflexão da ação, para que essa seja realizada é preciso que o indivíduo tenha uma intenção pensando na sua realidade e no bem do grupo. Com isso se passa a pensar nas decisões tomadas por todos, que devem apresentar um cunho democrático com a participação de todos.

7. Considerações Finais

Por meio desse estudo pudemos analisar a Economia Solidária como uma alternativa ao capitalismo. Essa alternativa econômica transforma-se em um movimento social que faz parte de um espaço de resistência, que não vem como uma ideia ideológica de superar o capitalismo, mas sim como uma nova forma, mais cooperativa e solidária de gerar renda para pessoas que se encontram a margem do sistema hegemônico.

É importante salientar que esse movimento não tem apenas um viés econômico, mas também político, social e cultural. Quer dizer, um grupo de pessoas com o mesmo ideal se junta para atingir uma produção mais justa e livre, esse “ethos” trabalha para uma emancipação social. Para que isso seja possível é preciso que tenha um trabalho em conjunto com a Educação Popular. A EP veio nos movimentos sociais, especialmente com o movimento de terras, que buscam com ela a criticidade, lutando por uma educação que atende as suas necessidades, que não busquem atender apenas as pessoas voltadas a abastecer o mercado de trabalho. São nesses aspectos que vemos que a educação deve contemplar, ou seja, as necessidades de cada “ethos”, buscando ajudar cada um a entender suas potencialidades dentro do grupo.

Um elemento essencial é a presença do diálogo dentro do próprio grupo e com os professores, o incentivo a reflexão de sua realidade, e a coletividade do grupo. A Práxis deve permear toda a ação no grupo através das mediações pedagógicas, para que se entenda que as ações sempre estão juntas de uma intencionalidade, que por sua vez tem um caráter político. Essa Práxis aliada a Economia Solidária vêm pode superar a alienação, causada pelo capital na forma de organização do trabalho.

Os principais aspectos da Economia Solidária são: democracia, coletivismo, autogestão e solidariedade. Esses elementos são importantes para a criação de um novo modo de produção, onde todos têm poder sobre os instrumentos e a produção. Isso faz com que se quebre a hierarquia tradicional dentro do espaço de trabalho, quebrando com a dicotomia oprimido e opressor.

Com as entrevistas realizadas na Escola Estadual Professor Sylvio de Araújo, em Rio Claro (SP) foi possível observar que mesmo com o incentivo aos professores e funcionários em trabalharem com o assunto existe uma dificuldade em compreender o tema. As atividades se resumiram em conversas em cima de textos e vídeos sobre o assunto e um painel de anúncios para pessoas que ofereciam trabalhos solidários ou troca de favores. Quer dizer, não houve uma mudança das práticas pedagógicas em si, depois que o curso EAD foi concluído esses debates foram esquecidos. Ficou claro que as atividades voltadas a democracia ficam presas a tomadas de decisões em formas de votações para pequenas deliberações, a coletividade em atividades em grupo, a solidariedade em incentivar os alunos a emprestarem seu material para os colegas ou ajudar com as atividades. O elemento mais difícil de ser trabalhado é a autogestão que leva os indivíduos a serem mais livre para tomar decisões. Houve apenas uma discussão sobre uma outra economia possível, mas a mesma não foi abordada como um importante fator que a emancipação social.

Com base nas respostas dos professores a respeito da emancipação social e a libertação do trabalho, as respostas sempre aparecem como o fim da exploração da mão de obra, de uma forma que a libertação deve partir do explorador. Porém, como vemos com a Economia Solidária, vemos que essa transformação deve vir do trabalhador explorado. Pois são eles que buscam uma nova forma de economia com uma visão coletiva, buscando melhor qualidade no ambiente de trabalho e um modo de atingir uma igualdade na produção.

A partir de todo o exposto a nossa proposta é a de que é preciso que haja um trabalho árduo para fazer com que esses alunos entendam a realidade em que estão inseridos, incentivando a superação de seu condicionamento. Para isso é necessário um trabalho de reflexão sobre o significado de trabalho em suas vidas e qual o seu objetivo, procurando transformá-lo em algo que seja prazeroso, desalienante e que deixe faze-los oprimidos. Esse processo faz com que o indivíduo saia da do papel de ser apenas aluno e se veja como ser ativo de uma mudança, rompendo com o conformismo.

Não é apenas na Educação de Jovens e Adultos que deve ter um trabalho em conjunto com a Economia Solidária, mas é mais fácil a partir desta, por conta da sua relação direta com o trabalho. Já que a grande maioria deles já está inserida no mercado, a educação deveria vir com a intenção de romper com a concepção tradicional de trabalho, trazendo a ideia de um trabalho associativo.

8. Referências Bibliográficas

- ADAMS, T. **Educação e Economia Popular Solidária: Mediações Pedagógicas do Trabalho Associado**. Aparecida, SP, Ed. Ideias e Letras, 2010.
- ARRUDA, M. **Educação Para Uma Economia do Amor: Educação da Práxis e Economia Solidária**. Aparecida, SP, Ed. Ideias e Letras, 2009.
- Associação Nacional dos Trabalhadores e Empresas de Autogestão e Participação Acionária (ANTEAG) (Org.). **Atlas da Economia Solidária no Brasil (2005 - 2007)**. São Paulo: Todos os Bichos, 2007.
- BRANDÃO, C. R. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- CALIXTO, F. **Educação Popular e Economia Solidária**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 8, p.19-26, jan./dez. 2009.
- CORAGGIO, J. **La Economía Social Como Vía Para Outro Desarrollo Social**. Buenos Aires: Red de Políticas Sociales Urbared, 2002.
- CRUZ, Antonio; GUERRA, Janaína da Silva. In: HERBERT, Sérgio et al. **Participação e práticas educativas - A Construção Coletiva do Conhecimento**. São Leopoldo: Oikós, 2009.
- DARDENGO, A.; **A “Economia Solidária” e a Emancipação Social**. VIII Jornada Nacional de Políticas Públicas, São Luís, MA – UFMA, ago.2015.
- FRANCO, T. **Alienação do Trabalho: Despertencimento Social e Desrenraizamento em Relação à Natureza**. CADERNO CRH, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 171-191, 2011
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários para à Prática Educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GAIGER, L. **A Economia Solidária Diante do Modo de Produção Capitalista**. Caderno CRH, Salvador, n. 39, p. 181-211, jul./dez. 2003.

Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase). **Cartilha Fluxos e Informações na Economia Solidária**. Rio de Janeiro, 2011.

KRUPPA, S. M. P (Org.), **Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Inep, 2005.

MACIEL, K.. **O Pensamento de Paulo Freire na Trajetória da Educação Popular. Educação em Perspectiva**. Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MARX, K. **Crítica ao Programa de Gotha**. São Paulo, Boitempo, 2000.

MENDES, A. A.; CORTEZ, A. T. C.; ORTIGOZA, S. A. G. (Org.), **Desfazendo os Nós do Capital – Território, Ação Social e Economia Solidária**. Bauru, SP: Canal 6,; 2013.

MÉSZÁROS, I. **A Educação Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

Ministério da Educação (SECAD). **Economia Solidária**. Coordenação: Armênio Bello Schmidt, Sara de Oliveira Silva Lima, Wanessa Zavarese Sechim. – Brasília: 2010. Coleção Cadernos Pedagógicos ProJovem Campo - Saberes da Terra.

ORTIGOZA, S. **Vamos Privilegiar os Mais Fracos: A Economia Solidária Brasileira Como Possibilidade de (re)inserção do Território como Base do Desenvolvimento**. Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT), n.º 6 (dezembro). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, p. 241-257, 2014.

ORTIGOZA, S.; KLAFKE, K.; ZANFELICI, R. Curso de Extensão de “**Economia Solidária: Princípios, Práticas Educativas e Políticas Públicas**”. 2015. Disponível em: <<http://unesp.br/portal#!/proex/central-de-cursos-de-ensino/consulta-de-cursos15666/cursos-a-distancia/>>. Acesso em: 24 de maio de 2017.

PINTAUDI, S. (Org.). **Economia Solidária: Um Setor em Desenvolvimento**. São Paulo: Prefeitura de Rio Claro, 2002.

SALVO, M. A Inserção das Economias Emergentes e a Distribuição de Poder no Cenário Político Internacional. **Jundiaí: Paco Editorial, 2014.**

SANTOS, M. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal.** São Paulo: Record, 2010.

SCHOLZ, R. **Economia Solidária e Incubação: Uma Construção Coletiva de Saberes.** São Leopoldo: Oikos, 2014.

SENAES. **Atlas da Economia Solidária no Brasil (2005).** Brasília, 2006.

SILVA, L. E. O **Sentido e Significado Sociológico De Emancipação.** Revista e-Curriculum, São Paulo, n.11 v.03 set./dez. 2013.

SINGER, P.; SOUZA, A. (Org.). **A Economia Solidária no Brasil: A Autogestão como Resposta ao Desemprego.** São Paulo: Contexto, 2003.

SINGER, P. Economia Solidária. In: **A outra economia.** CATTANI, A. D. (Org). Porto Alegre: Veraz, 2003.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, A. R; CUNHA, G. C; DAKUZAKU, R. Y (Org). **Uma Outra Economia É Possível: Paul Singer e a Economia Solidária.** São Paulo, SP, Ed. Contexto, 2003.

TIBIRA, L. **Educação Popular e Pedagogia(s) da Produção Associada.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 71, p. 85-98, jan./abr. 2007

WELLEN, H. **Crítica da “Economia Solidária”.** São Paulo: Outras Expressões, 2012.

Apêndice A**Questionário**

1) Disciplina ministrada: _____

2) Em qual universidade se formou: _____

3) Em que ano se formou: _____

4) Leciona há quanto tempo: _____

5) O que você entende por Economia Solidária:

6) Você tem algum aluno/pais de aluno que trabalha em um Empreendimento Solidário: _____

a) Se sim, no que trabalham: _____

b) Se sim, vivem apenas da renda gerada por esse empreendimento: _____

c) Se sim, você acha que esses alunos têm uma visão de fato mais emancipadora que pensa no bem coletivo: _____

7) Você já trabalhou esse assunto em sala de aula: _____

➤ Se sim, como foi dada a atividade e seu desenvolvimento: _____

➤ Foi dada certa importância em trabalhar com a coletividade e a democracia.

Como foi: _____

8) Você já buscou colocar em suas práticas o contexto da Economia Solidária:

➤ Se sim, seus alunos entenderam ou mostraram interesse: _____

9) Você percebe a importância da ES para o município: _____

10) Você busca fazer com que seus alunos compreendam seu contexto histórico-social e local: _____

➤ Com isso você acha que desperta neles um lado crítico: _____

11) O que você entende por trabalho: _____

12) Qual seria sua visão de um trabalho libertador: _____

13) Você enxerga alguma forma de superar a alienação no trabalho:

14) Você busca aplicar em suas aulas aspectos de uma educação que busque mudar a visão tradicional de trabalho dos alunos: _____

15) O que é e qual o papel da emancipação social na sua visão: _____

16) Como você poderia aplicar mediações pedagógicas mais coletivas, democráticas e colaboradoras em suas aulas: _____
